



## Guia de investigação – história do feminismo no Brasil - por Priscilla Brito

Na primeira edição do curso **Feminismo com quem ta chegando**, da Universidade Livre Feminista, nos deparamos com um desafio interessante: indicar textos acessíveis sobre a história do feminismo no Brasil. Talvez o que melhor tivesse esse perfil era o livro “Uma história do feminismo no Brasil” de Céli Jardim Pinto, mas que naquele momento já estava desatualizado. Afinal, o movimento feminista contemporâneo tinha se transformado consideravelmente se tomássemos como marco a criação a institucionalização de uma política nacional para as mulheres, a partir de 2003, e o Governo de Dilma Rousseff, primeira mulher eleita para o Executivo Federal, em 2010.

No nosso sonho, um livro sobre a história do movimento feminista exigiria atualizações e reedições constantes. Algo que captasse a história viva de um movimento diverso e em constante transformação. E que é formado por mulheres, cujas subjetividades estiveram “fora” da “história universal” por séculos. Num mundo patriarcal, contar as histórias de resistência e coragem das mulheres não é interessante.

Quando nos aprofundamos nessa busca pelas histórias feministas, temos muito pouco sobre a história das lutas das mulheres no Brasil, se compararmos a outros países do mundo e mesmo internamente. Sabemos muito pouco sobre as lutas das mulheres nos outros países da América Latina, da Ásia ou da África, enquanto temos muita coisa à disposição sobre as lutas das mulheres na Europa e dos Estados Unidos. E temos ainda as desigualdades externas. Nos deparamos sempre com a ausência da historiografia das regiões norte, nordeste e centro-oeste na maior parte dos trabalhos. Muito focada nas ações das mulheres do sul e sudeste, em especial do Rio de Janeiro, é difícil rastrear a contribuição de mulheres diversas na luta por direitos formais e por condições mais dignas de existência.

Aliada a esta questão, as desigualdades existentes entre as próprias mulheres também determinam as “narrativas oficiais”, dando maior destaque a acontecimentos que envolvem mulheres em situação privilegiadas, em geral brancas e de origens abastadas. Se conseguíssemos registrar todos os atos, manifestações e atividades de debate feministas, talvez pudéssemos mapear como o feminismo continuava se “movimentando” mesmo que não estivesse presente nas ruas, em manifestações.

Apesar da nossa vontade em fazer um grande projeto de história do feminismo, que desse conta dessa ação quase invisível e cotidiana, um banco de dados como esse parece ser impossível. Porque a nossa experiência pessoal e militante nos ensinou que feministas passam a maior parte do tempo investindo em formas de transformar as suas vidas e de todas as mulheres de forma quase silenciosa. Para compreender o feminismo como movimento, é preciso entender que há um investimento cotidiano das mulheres de pautar as questões de gênero nos diversos espaços em que



estão. Nas universidades, nos espaços de trabalho, em grupos de debate, o debate continua acontecendo e as ações continuam acontecendo.

Apesar da nossa vontade em fazer um grande projeto de história do feminismo, que desse conta dessa ação quase invisível e cotidiana, um banco de dados como esse parece ser impossível. Por falta de tempo, recursos e pessoal. Mas principalmente porque surge a questão: será que a história realmente pode ser contada de forma completa e definitiva?

Tomar a história do feminismo no Brasil como incompleta não precisa ser um problema e sim nos inspirar a assumir a tarefa de acrescentar a ela olhares, perspectivas, formas de ver e de se expressar. Olhar para ela com a perspectiva do presente, reverenciando as nossas ancestrais que vieram antes e preparando as mulheres que virão. Somos parte dessa história e podemos escrevê-la.

No Brasil, embora as narrativas sobre os feminismos sejam construídas em grande medida por mulheres brancas, há um esforço, sobretudo de pesquisadoras negras, de reconhecimento das lutas das mulheres negras para a conquista de direitos e para a construção dos feminismos como um campo plural e diverso. No Brasil, muitas mulheres que lutaram contra a escravidão no Brasil, como Dandara por exemplo, se tornaram símbolos repletos de significado político mesmo que não saibamos muito sobre elas. Essas “revisões” são sempre feitas à luz do presente e trazem à tona questões que nos ajudam a pensar o futuro. Afinal, um projeto histórico nunca é imparcial. E para nós, reconhecer a diversidade de estratégias das mulheres para transformar as condições de opressão que viviam ou ainda vivem é importante para inspirar outras estratégias do mesmo tipo.

Cientes desses desafios, para esta campanha **Feminismo com quem ta chegando** 2020 elaboramos um guia de leituras interessantes sobre a história mais geral do movimento feminista no Brasil. São referências iniciais, que convidam vocês a aprofundarem seus estudos.

Esperamos que este seja só o início para a história que vocês vão conhecer e ajudar a escrever no feminismo.



## Introdução

**Mulher, Raça e Classe**, Angela Davis. Boitempo, 2018<sup>1</sup>.

Mulher, Raça e Classe, de Angela Davis, é um bom ponto de partida para quem quer olhar a história de uma perspectiva crítica. Embora seja muito focado na história dos Estados Unidos, traz elementos de reflexão sobre a desumanização das mulheres negras pelo processo de escravização e a importância da não hierarquização das opressões. Publicado pela primeira vez em 1944, conta com uma tradução recente da Boitempo no Brasil.

**Minha História Das Mulheres**. Michelle Perrot. São Paulo, editora Contexto, 2007, 190p.

**Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017<sup>2</sup>.

Sobre as dificuldades envolvidas no estudo da história das mulheres, recomendamos as obras da pesquisadora francesa Michele Perrot. É uma referência interessante para repensar de que maneira as opressões vividas por grupos marginalizados são reiteradas por processos de silenciamento. Vale lembrar: é a perspectiva de uma pesquisadora europeia. Em “Minha história das mulheres”, estão reunidos uma série de ensaios feitos a partir da participação da autora em um programa de rádio. Já os “excluídos da história” traz uma reflexão mais acadêmica com as principais teses da autora.

## *Obras mais gerais sobre a história do movimento feminista no Brasil*

**Vozes insurgentes de mulheres negras: do século XIII à primeira década do século XXI**. Bianca Santana, 2019<sup>3</sup>.

Bianca Santana organizou uma coletânea de textos de mulheres negras proeminentes na história do Brasil, numa parceria da Fundação Rosa Luxemburgo com a Mazza edições. Os textos, dos mais variados tipos, nos mostram como mulheres elaboraram sobre suas condições e as opressões nos mais diferentes períodos da história do país.

**Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

Ainda sem edição recente no Brasil, o livro de professora e pesquisadora Celi Pinto conta a história “mais conhecida”, que começa com a movimentação sufragista no início do século XX. Como não foi reeditado, não fala sobre os últimos 20 anos da história do país. Algumas cópias podem ser encontradas na internet.

**Feminismo popular e lutas antissistêmicas**. Recife: SOS Corpo, 2017<sup>4</sup>.

<sup>1</sup><https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/mulher-raca-e-classe-618>.

<sup>2</sup>[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod\\_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf)

<sup>3</sup> [https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2019/08/web\\_Vozes\\_Insurgentes-1.pdf](https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2019/08/web_Vozes_Insurgentes-1.pdf)

<sup>4</sup> <https://soscorpo.org/?p=10155>



Na primeira parte do livro, Carmen recupera a história das movimentações das mulheres no Brasil e avança para o início do século XXI, incluindo a importância de eventos como o do Fórum Social Mundial para a constituição dos movimentos nacionais. Também tem diálogos interessantes com a produção teórica sobre movimentos sociais e resgata a discussão sobre classe.

**Breve história do feminismo no Brasil.** Maria Amélia de Almeida Teles. Alameda Casa Editorial, 2018. Outro livro que sistematiza os diferentes momentos do feminismo no país é o livro de Amélia Teles. A autora é ativista feminista, ela foi presa política durante a ditadura militar no Brasil e atualmente integra a União de Mulheres de São. A primeira edição do livro é de 1993, mas teve uma reedição em 2018, que incluiu seis ensaios sobre a história mais recente. Outro aspecto interessante do livro é abordar a construção do imaginário sobre a feminilidade no Brasil desde a Colônia.

—

Além desses, a mesma editora que publicou a obra “Minha história das mulheres”, de Michelle Perrot, tem uma série de livros mais gerais sobre a história das mulheres no Brasil e no mundo, incluindo alguns que abordam momentos específicos ou aspectos da construção da feminilidade, como a sexualidade. Se tiver interesse, procure no site da editora<sup>5</sup>:

Outro livro mais geral mas que infelizmente não está disponível é o “**Mulheres negras no Brasil**”, de Maria Aparecida Schumacher e Erico Vital Brasil. O livro aborda a história das mulheres negras brasileiras, desde sua chegada ao país até os dias atuais, e ajuda a construir um novo olhar sobre o passado e a superar a invisibilidade das mulheres negras, levando ao reconhecimento de suas contribuições na formação de nossa identidade. Tem o grande mérito de resgatar histórias de mulheres das mais diversas regiões no país. O livro teve edição luxuosa e agora está esgotado<sup>6</sup> (infelizmente).

Maria Aparecida Schumacher também organizou o “Dicionário de Mulheres do Brasil”, esse mais fácil de encontrar nos sebos pelo país. Com cerca de 900 entradas sobre personalidades brasileiras. O livro resgata a história das mulheres que não costumam aparecer nos livros escolares e esboçam um retrato dos 500 anos da condição feminina no país.

Embora não tenha o objetivo de traçar um panorama histórico, o livro de Sueli Carneiro, “**Escritos de uma vida**” cumpre um importante papel de traçar um panorama do pensamento da autora que é uma das principais intelectuais e ativistas negras do país. Lançado em 2019, tem muitas histórias interessantes sobre a organização das mulheres desde a democratização do país.

---

<sup>5</sup><https://www.editoracontexto.com.br/produto/pacote-historia-das-mulheres-7-livros-com-35-de-desconto/1538295>

<sup>6</sup> <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/livro-conta-historia-das-mulheres-negras-1.315478>



### Histórias recentíssimas

Nos últimos anos, também tivemos pesquisas interessantes sobre movimentos como Marcha das Vadias, Marcha das Margaridas, Marcha Nacional das Mulheres Negras, dentre outras. A maioria, está espalhada por teses e dissertações e tem recortes mais específicos. Um artigo interessante e mais geral é um da Sonia Alvarez: “Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista”<sup>7</sup>.

Mas vale a pena procurar outros. Essa busca, esperamos, nunca tem fim.

---

<sup>7</sup> [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000200013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000200013&script=sci_abstract&tlng=pt)